

AROLD MURÁ G. HAYGERT

VOZES DO PARANÁ

RETRATOS DE PARANAENSES

ALEXANDRE CURI

ARY DE CHRISTAN

BENTO GARCIA JUNIOR

GLEISI HOFFMANN

GUSTAVO FRUET

IRINEO DA COSTA RODRIGUES

JAIME LERNER

JOÃO OSÓRIO BRZEZINSKI

**LUIZ ALFREDO
MALUCELLI**

2

LUIZ FERNANDO DE QUEIROZ

ELIN TALLAREK DE QUEIROZ

PEDRO CORRÊA DE OLIVEIRA

RAUL TROMBINI

RENÉ DOTTI

RICARDO HOEPERS, PE.

RICARDO PASQUINI

WALDO VIEIRA

WILSON DE ARAÚJO BUENO



Convivium
editora ltda.

© 2009 Aroldo Murá G. Haygert

Produção editorial

Editora Esplendor
Jubal Sérgio Dohms

Revisão

Agostinho Baldin
Luis Henrique Zanon Franco de Macedo (referências)

Projeto gráfico e capa

Jubal Sérgio Dohms
sobre layout de Clarissa Martinez Menini
(para o primeiro livro da coleção)

Arte

Carlos Augusto Rougemont
Gilberto Nunes Guerra

Fotos

01: Lina Faria
02 a 12: arquivo pessoal

Dados internacionais de catalogação na fonte
Bibliotecária responsável: Angela M. S. Cherobim

H412 Haygert, Aroldo Murá G.
Vozes do Paraná: retratos de paranaenses /
Aroldo Murá G. Haygert - Curitiba: Esplendor;
Convivium 2009.
300p.: il.; 23 x 28cm.
ISBN 978-85-98364-21-6

1. Paraná – Biografia. I.Título

CDD (22ª ed.) 920.098162

1ª Edição



Para adquirir este livro, entre em contato com a
CONVIVUM EDITORA LTDA.
Av. Sete de Setembro 5569, sala 1106
Curitiba PR
CEP 80240 001
Telefone (41) 3243 2530
contato@conviviumeditora.com



EDITORA ESPLENDOR
Rua Deputado Mário de Barros 752 -
Juvevê
Curitiba-PR
CEP 80530 280
Telefone (41) 3253 4608
eduardo@esplendorbrasil.com.br

Impresso no Brasil

apresentação

Este segundo volume de VOZES DO PARANÁ nasceu porque, sendo parte de um projeto pessoal do autor, foi empurrado por resultados além do esperado. Houve muitas manifestações positivas sobre perfis com que mostrei homem e mulheres singulares da vida paranaense.

De todas as expressões, a que mais me animou foi o olhar sábio que sobre este trabalho colocou o crítico literário e analista da sociedade brasileira – vide História da Inteligência Brasileira e Um Brasil Diferente –, o mestre Wilson Martins.

As observações da genial personalidade brasileira (ele ainda não teve o justo reconhecimento de sua terra) são lições que ficam. Eu as recolhi absolutamente surpreso, compungido, até, pois não imaginava merecer meu livro avaliações de um nome tão paradigmático da cultura brasileira.

Este segundo volume nasce com o compromisso de ampliar os “retratos” de paranaenses, salientando sua obra, pois se trata de gente que ajuda a definir o Paraná contemporâneo de maneira particularmente saliente. São novos construtores da sociedade, parceiros da História. Uma parcela pequeníssima, é certo, mas bem representativa de um Paraná multifacetado.

O livro tem só essa pretensão: registrar as pisadas de alguns, escolhidos entre milhões de paranaenses, como parte de uma mostra preciosa. Conhecê-los pode ser um exercício lúdico, em certos casos; noutros, um desvendar de tipos psicológicos que orgulham o Paraná, por sua obra até internacional.

A leitura dos feitos desses personagens pode propiciar uma boa imersão em realidades valiosas, nem sempre muito conhecidas, absolutamente importantes para o melhor entendimento dessa terra de todas as gentes.

Aroldo Murá G. Haygert
aroldo@cienciaefe.org.br

Curitiba, 26 de maio de 2009



Luiz Alfredo Malucelli

Doutor na arte de fazer amigos e reunir pessoas

Os Malucelli que se fixaram no Paraná guardaram da Itália de seus ancestrais, de gente como Jacob e Margarida Gobbo Malucelli aqui desembarcados em 1877, alguns traços bem delineados. Por exemplo, são fundamentalmente uma grande *famiglia* unida por laços de sangue e definidas características. Duas delas, salientes: a capacidade de trabalho e o senso de comunicação. Há outras, é claro.

Tais como as que prevalecem em Luiz Alfredo Malucelli, nascido em Morretes, em 20 de abril de 1934, filho de Alfredo e Lourdes Moro Malucelli, família composta de oito irmãos (cinco mulheres e três homens, todos vivos).

Ele é o ser comunicativo, o comunicador por excelência, alguém que sabidamente fez do trabalho o grande motivo de vida. Nada a ver com a pena bíblica que manda o homem retirar o sustento com o suor do rosto. Com os ancestrais de “Malu”, e com ele mesmo, o anátema se transforma em sinal de bênçãos. Assim foi para os milhares de italianos transplantados para o Brasil fugindo, no século 19, de uma Europa empobrecida e sem horizontes. E que já em pequenos números, continuaram a chegar até depois da Segunda Guerra Mundial.

Luiz Alfredo Malucelli é herdeiro desse perfil de homens e mulheres curtidos pela adversidades. E acostumados a construir pontes de relações humanas na nova pátria.

Ele cedo se entrelaçou com Curitiba, passou a ser cidadão curitibano pleno. A Capital retribuiu-lhe, identificando “Malu” como um dos mais legitimamente seus. Entre outros motivos, porque ele tem pleno domínio de suas minúcias urbanas e manhas, conhece em detalhes os usos e costumes dessa gente multiétnica, agora mais miscigenada, com o sangue de europeus de todas as latitudes misturando-se com os de negros, asiáticos e brasileiros de muitas tonalidades e acentos. Uma Curitiba que já não é “a branca”, mas que nem por isso deixa de ser um Brasil diferente (leia-se, por exemplo, a História da Inteligência Brasileira, de Wilson Martins, para ampliar conhecimentos da área). São tais contribuições humanas que vão transformando em “café com leite”, oportunamente, o “leite quente” do sotaque e do modo de ser...



*Técnico em
Contabilidade.
Diz que sua
universidade foi a
vida – rádio, jornal,
televisão.*

Luiz Alfredo Malucelli tem a exata percepção dessa realidade, seu olhar não está fixo só na Curitiba tradicional, vive a do presente de tantas metamorfoses. Sem distanciar-se, é certo, do entorno histórico que lhe é familiar desde a infância e que está em seu DNA emocional, em sua herança cultural.

“Malu” é, por isso, um dos definidos termômetros da cidade, como foram Dino Almeida, Jamil Snege... E o é dos mais precisos, com características muito peculiares. Uma delas, a de ser um curitibano capaz de cerrar baterias em favor de uma boa causa, ou na condenação de outra; nisso mostra-se um advogado inigualável. “É exemplar defensor da ‘causa do santo’, excelente advogado da causa do Diabo”, observa um seu velho compa-

nheiro.

Para outro amigo – e, muitas vezes, confidente desde os tempos em que os dois trabalhavam em postos de direção na Rede Paranaense de Televisão, TV Paranaense de Curitiba – o jornalista Celso Ferreira do Nascimento – “Malu” é alguém direto, sincero, não usa de meias palavras, é amigo dos amigos, incondicional.

“Os que caem em sua antipatia ganham uma fortíssima voz contra, e com enorme acústica”, garante Celso. Outra marca que porta – diz ainda Celso –, é da absoluta integridade, um ser sem ranhuras. O que também ajuda a entender seu sucesso como assessor de investimentos do banco de seu primo Joel.

Na TV Paranaense, do sistema RPC, foi por dez anos

seu gerente e, mais dez, diretor comercial (de 1970 a 1990), quando inaugurou um tempo altamente produtivo no relacionamento com os clientes e agências de publicidade. Naqueles tempos, o comunicador com farta experiência nas muitas expressões da área expôs toda a sua torrente criatividade. Em pelo menos dois momentos o “Malu” inquieto e criativo revolucionou na emissora Globo: quando criou e desenvolveu o Clube do Copinho, uma reunião semanal com clientes e publicitários, em torno de boa mesa, tendo ele como *chef*; e as campanhas comunitárias apresentadas pela TV Paranaense que marcaram época. Uma delas, “Curitiba, Capital do Natal”, fez aumentar o fluxo de turistas à cidade, gente que vinha do Brasil todo para conhecer as casas feericamente preparadas, com luzes e músicas, para a festa natalina. E depois, outras, como “O meu Paraná que você precisa conhecer” e “Curitiba de Copo, Garfo e Faca”, esta com a parceria de um dos gênios publicitários revelados no Paraná, Sérgio Mercer.

Olhar atento

Embora o rápido crescimento demográfico e a súbita verticalização de Curitiba, identificados sobremaneira a partir dos anos 80s, Malucelli conseguiu acompanhar os personagens da cidade. Afinal, a “alma curitibana” que ele tão bem conhece sempre teve seus pontos de encontro, como o antigo Senadinho; o extinto Café Alvorada da Rua XV, com a “pedra” que anunciava os falecimentos numa listagem várias vezes renovada durante o dia e pregada na parede de entrada do café; na Boca Maldita, palco e plateia da cidade; nas muitas confrarias gastronômicas formadas para reunir grupos de amigos com interesses comuns...

Foi assíduo de muitas dessas confrarias gastronômicas. A primeira delas, a “Toca do Tuca”, do Clube Curitibano; por anos, foi peça indissociável da confraria do Malutrom com seu jantar das segundas feiras, um espaço de amplo encontro das famílias Malucelli e Trombini, e com futebol nas quintas. Hoje praticamente só é confrade de uma, a do Macedo, cujo líder é o primo Celso



*“Malu” (em pé, no
centro) com seus
8 irmãos e os pais
Lourdes e Alfredo
(setembro de 1959).*



*Entrevistando
Gerson,
o “canhotinha de
ouro”, pela Rádio
Colombo (anos 60s).*

(Malucelli) Macedo, o dono da Perfecta, indústria de máquinas para panificação. Fica na chamada Vila Macedo, próxima da Avenida das Torres. É um primor de espaço organizado, ocupando antigo barracão industrial, cozinha equipadíssima. No inverno, a frequência é, mais ou menos, de 45 pessoas; no verão, mais. Cada um paga R\$ 40,00 por mês, com direito à refeição preparada por um dos confrades, mais cerveja e “branquinha”. Quem quiser vinho, que o traga. No fim do ano, há a grande confraternização com as esposas. E quem não quiser ou não souber cozinhar, encomende os serviços de um *buffet* para os encontros mensais.

“Malu” cozinha bem, é um *chef* de reconhecidas qualidades, maneja a culinária mais tradicional, dando preferência para postas com macarrão, churrascos fartos, assinados por sua sensibilidade gastronômica peculiarmente sulista. Pode, até, em situação especial, preparar barreado, o prato típico do litoral paranaense, cuja grande difusão por “Malu” propiciada ao longo dos anos,

contribuiu para ampliar o número de restaurantes especializados hoje existente em Morretes. São agora 15, e com eles vieram a pousadas, 35, para muitos gostos e bolsos. E há a receita de “Malu” para o melhor preparo do barreado, encontrável na web, em francês, inglês e alemão. Acesse-a, é uma aula.

Opiniões sobre o “Malu” só confirmam a unanimidade que ele é em Curitiba. O rigoroso Belmiro Valverde Jobim Castor, uma das mais respeitadas reservas intelectuais e morais do Paraná – pós-doutor em Administração Pública, professor do Doutorado em Administração da PUCPR, ex-secretário de Estado do Planejamento e da Educação – acha que “ele é uma cara amena, alguém que de saída estabelece empatia com o interlocutor”.

Leitor assíduo da coluna de Luiz Alfredo Malucelli, Belmiro vai adiante, tem para o *chef* “Malu” palavras de admiração: “Ele é um cozinheiro versátil, lê bastante sobre gastronomia, não é alguém do feijão com o arroz.” E arremata, definitivo: “É um colosso de cozinheiro...”

No começo...

Menino ainda, depois de a família ter-se mudado para Faxinal do Louro, em Palmeira, onde o pai por alguns poucos anos teve madeireira com parentes, a família veio para a Capital e não mais saiu. Aqui ele estudou em colégio de freiras, onde levou sustos sob uma educação excessivamente rígida que chegava a proibir a ida dos alunos ao banheiro durante as aulas; foi aluno do Parthenon, do Ateneu e do Iguaçu, formando-se, enfim, técnico em contabilidade. “Mas pouco estudei, de fato”, conclui o Luiz Alfredo que supriu falta de interesse pela escola com muita leitura, “no correr da vida”, e, depois, com a “universidade da vida”. Nessa é doutor.

O futebol foi das primeiras paixões do adolescente de porte atlético, pinta de galã de cinema colorido, em tempos ainda não comandados pela televisão. Jogando pelo Coritiba, como zagueiro do juvenil, chegou a ser campeão 1949/50. Depois, levado pelo tio Bittencourt, foi para o Atlético Paranaense de onde, aos 17 anos, jogou como aspirante e chegou, algumas vezes, a entrar no quadro profissional.

A profissionalização chegou pelo empurrão do engenheiro Cícero Bley, seu padrinho no início de uma curta

mas fértil carreira no Britânia. Lá ficou, como profissional até 1952.

De 1953 a 56, a volta a Morretes em que nasceu e viveu só até os três anos. Missão: comandar o plantio de cana de açúcar em terras da família.

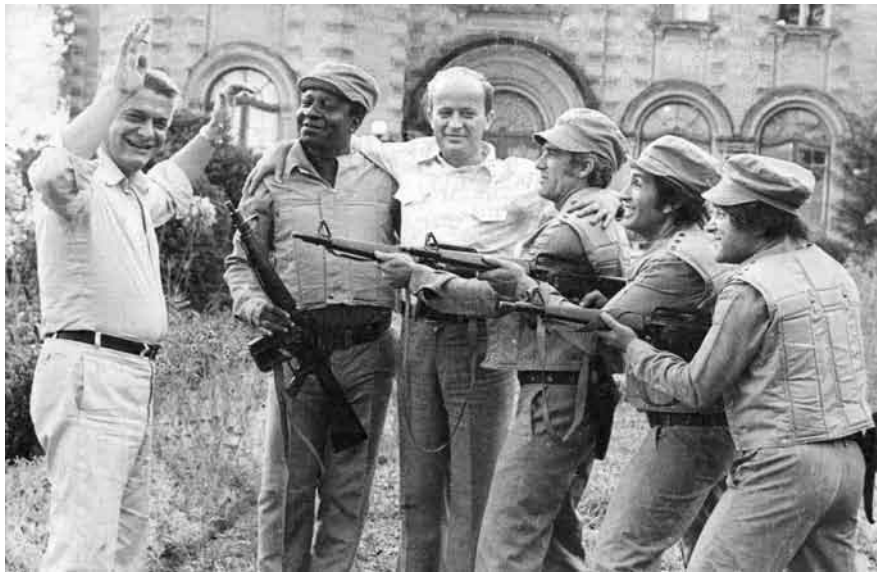
Começa o jornalista

Os três anos em Morretes, durante os quais reforçou laços de amizade e solidariedade familiar, trabalhando ao lado de alguns parentes, foram suficientes para confirmar-lhe a vocação para a cidade grande; no caso, Curitiba.

O adeus à lavoura de cana não foi sentido, não lhe custou nenhum sacrifício, particularmente porque aquele 1956 de retorno a Curitiba acabou sendo o de sua entrada no mundo da mídia, o rádio em primeiro lugar, universo do qual não mais se afastaria, embora escapadelas para outras áreas, mas quase sempre afins. Depois do rádio, com passagem pela Rádio Cruzeiro do Sul e convivência com amigos como os publicitários Roberto de Souza, José Felipe Engler e Hiram de Souza, veio o jornal. Nos anos 50s e boa parte dos 60s, a imprensa é que dava as cartas na formação dos formadores de opi-



*Com Garrincha,
nos 60s, na partida
Ferroviário (PR) x
Botafogo (RJ).*



*Rendido pelos
Trapalhões,
no Castelo.*

nião, em Curitiba. Luiz Alfredo Malucelli juntou vocação jornalística com a oportunidade daquele momento. Aprendeu a ser repórter na grande escola que de fato importava na época, embora já se esboçasse em Curitiba o primeiro curso de Jornalismo – da então Universidade Católica do Paraná. Na verdade, engatinhavam no Brasil estudos universitários da área de comunicação social.

Os jornalistas formados pelos colegas mais experientes é que realmente contavam no rádio e nos jornais. E “Malu” deixou-se formar por eles, atentíssimo às observações que iam muito além do ensino de técnicas de jornal que começavam a impor-se entre nós. Afinal, a ele não faltou nunca um olhar clínico para a notícia, para o momento jornalístico.

Observe-se uma certa cronologia nas andanças de “Malu”: por primeiro foi repórter esportivo da Rádio Guayracá, a chamada “Voz nativa da terra dos pinheiros”, potentíssima e dividindo com a Rádio Clube Paranaense, a B-2, a audiência e a fidelidade do Paraná. Por coincidência, as duas localizadas naquele mundo à parte que era a Rua Barão do Rio Branco, uma espécie de *alma mater* da cidade ainda de ares provincianos. “Lá tinha de tudo”, recorda Malucelli, assim fazendo coro com Jaime Lerner, outro vidrado na Barão.

Passou, numa sucessão de experiências vitais para seu aprimoramento profissional, por veículos dominantes no Paraná então recém-saído das celebrações de seu centenário de emancipação política. Conviveu de 1956 em diante com nomes paradigmáticos de uma imprensa

que realmente importava e pesava nas decisões políticas do Estado, trabalhando em “O Dia”, de sustentação do grupo Lupion; “O Estado do Paraná”, de Fernando Camargo e Aristides Mehry, ligado a Bento Munhoz da Rocha; depois a “Gazeta do Povo”, desde sempre parceira de grandes momentos da história paranaense. Conviveu e aprendeu as sutilezas de um fazer jornal que, aos poucos, iria se modernizando, particularmente sob a orientação de um renovador da imprensa paranaense, em “O Estado do Paraná”, João Dedeus Freitas Netto.

Foi influenciado também por outros notáveis da área, como o diretor José Mugiatto, de “O Dia”, acompanhou os primeiros grandes momentos de profissionais que foram a linha de frente da definição do moderno jornalismo do Paraná, como Luiz Geraldo Mazza, uma estrela então em franca ascensão, João Feder, Mussa José de Assis, Emílio Zola Florenzano, Adherbal Fortes Sá Junior, Roberto Mugiatto, Renato Schaitza...

Mais adiante, na “Gazeta do Povo” teve a confirmação da vocação: foi-se tornando polivalente no espaço esportivo, chegando a fechar o caderno de esporte, trabalho de editor. E lá teve uma prova de fogo altamente gratificante: viajou ao Rio para cobrir uma final do Campeonato Carioca, improvisando-se em repórter fotográfico com fotos oportuníssimas e que chamaram a atenção do jornal “O Globo”, que, por isso, quis contratá-lo. “Malu”, um sulista empedernido, agradeceu e voltou para seus jornais em Curitiba, exibindo os milagres operados por sua modesta Yashica, a máquina fotográfica

que não fizera feio em meios aos fotógrafos sofisticados do Rio. As fotos foram compartilhadas com “O Globo”, que as usou fartamente.

“Polivalente o ‘Malu’ sempre foi uma inteligência prática, o sujeito arguto por natureza, cativante, o comunicador diferenciado, com saberes que identificam os bem definidos”, opina outro jornalista, Bernardo Bitencourt.

A vida dele ajuda a entender uma época em que tudo estava mudando muito rápido. E ele sendo parte de um mundo que realmente tinha importância, o da imprensa e do rádio. Depois viria o da televisão. A primeira emissora de TV seria instalada no final dos 50s, começo dos 60s, no Edifício Tijuca, a TV Paranaense, fundada por Nagibe Chede. A mesma emissora que, na segunda fase, na Rua Emiliano Perneta, no Centro (depois iria para o Castelo do Batel), teve “Malu” entre os que iriam dar-lhe dimensão e respeitabilidade estadual.

De novo o jornal: sua passagem por dois dos mais importantes jornais de Curitiba, no início dos anos 60s, foi privilégio para “Malu” – o “Diário do Paraná” e “Última Hora”.

Porventura poderia haver escola melhor, aqui no Paraná, considerando que os dois jornais foram laboratórios

de radicais renovações da imprensa no Estado?

No jornal paranaense da cadeia de comunicação de Assis Chateaubriand, a dos “Diários e Emissoras Associados”, comandavam Emilio Zola Florenzano, Roberto Novaes, Ayrton Luiz Baptista e Carlos Danilo Costa Côrtes. Lá, a convivência com uma redação de porte só reforçou a gana de trabalhar bem. No “Diário do Paraná”, além da cobertura esportiva, entrou na chamada geral. Saiu-se bem. Em 1963 foi chamado pelo matutino “Última Hora”, edição do Paraná, um dos mais impressionantes milagres de trabalho jornalístico local combinado com uma logística que garantia o jornal impresso em São Paulo estar cedo, no dia seguinte, em Curitiba e outras cidades do Estado, via rodoviária. Tudo numa época em que nem se sonhava com fax. Apoiava-se apenas num precaríssimo serviço telefônico.

A importância de UH era tanta que a sua sucursal, no Edifício Asa, Rua Voluntários da Pátria, foi considerada um “foco de subversão”, e por isso apedrejada em 1964 por estudantes fanatizados de um colégio religioso masculino.

A UH de Samuel Wainer, com forte apoio do governo João Goulart, consolidou-se nacionalmente por meio de suas sucursais, impôs-se, mas atraiu inimigos ao definir



*Entrevistando o
goleiro paraguaio
Florindo Garcia,
anos 50s.*

Luiz Alfredo Malucelli

se com posições contrárias aos que foram depois vitoriosos no movimento militar de 31 de março de 1964. Era vista como porta-voz de uma revolução marxista em marcha por seus opositores.

“Malu” nunca se envolveu em política partidária. Seu trabalho, correto, profissional, chamou a atenção do então governador Ney Braga, que o colocou a seu lado no Palácio Iguaçu, no começo de 1964. Lá trabalhou com condutores da comunicação social do governo, como Laerzio Campelli e Antonio Brunetti, universo em que também tinham espaço Norberto Castilho e Reinaldo Dacheux Pereira.

Nem Ney Braga ficou imune ao carisma de “Malu”. O governador não o dispensava como companhia para eventos de inaugurações de obras. “Cadê o Malu?”, era a pergunta-comando do general.

50 anos na casa

A vida de “Malu” comportou “tentações”, ofertas muito lucrativas no começo de sua marcha. As oportunidades foram múltiplas, algumas abertas por organizações nacionais que o queriam administrando seu braço paranaense, como a Pneus Pirelli e os televisores Colorado, de imagem associada a Pelé. Mas preferiu ficar no campo que domina, a comunicação social ou a criação e manutenção de pontes de comunicação, mesmo quando oferece seus investimentos financeiros.

Costuma referir-se como “meu prozac” sua coluna semanal na “Gazeta do Povo”, todos os sábados, desde 1997. Antes, em 1990, passou pelo diário “Indústria &

Comércio”, que então vivia fase áurea, uma passagem que realmente o marcou por voltar ao jornalismo. Na época, era colaborador do I&C ao lado de outra “marca” de Curitiba, Jamil Snege que, como “Malu”, depois seria atraído pela Gazeta do Povo.

Aquele espaço na GP pode estimular e incentivar o ativíssimo “Malu”. Mas com certeza é sobretudo um dos chamados PIPs (pontos de interesse permanente) mais lidos do jornal: mostra aspectos curiosos de uma fauna humana diversificada, de todas as idades, os pais revelando o curioso e, muitas vezes cômico, de relações familiares; amigos denunciando sadio humor no flagrante de *gags* do cotidiano de suas fraternidades, os políticos e os empresários sendo flagrados pelo inusitado... Sem contar que, olhado com atenção, o próprio humor revelado por Luiz Alfredo Malucelli em doses homeopáticas contém preciosos flagrantes de nosso cotidiano. Contribuição, quem sabe, para um futuro livro, tipo “História do Cotidiano Curitibano”?

A coluna dedica ainda algum espaço às receitas do “Malu”. E se alimenta de colaboradores, diversos. Toda vez que uma colaboração pode gerar controvérsias, Malucelli pede que os informantes forneçam telefones do personagem citado, para que obtenha a autorização para publicar o material. Cada história tem que envolver nomes, com isso “Malu” garante a rede de desdobramentos e repercussões na sociedade abrangente. Ser citado por “Malu” dá ibope. Como dá ibope na Rádio Rock 91, programa “91 Minutos”, em que ele transfere experiências gastronômicas e passa receitas.



Recebendo o título de “Cidadão Benemérito” da Assembleia Legislativa.



Recebendo de Mário Celso o título de Cidadão Honorário de Curitiba.

“Fecha histórias”

Jamil Snege, publicitário e escritor, parte indissociável da alma curitibana, geralmente ácido em suas críticas, um dia deu o veredicto: “Malu, você tem poder de síntese”.

Luiz Alfredo Malucelli também ganhou o *placet* de outro avaliador rigorosíssimo das obras alheias, o jornalista Luiz Geraldo Mazza: “Você sabe fechar as histórias”.

E Malucelli já se expôs a outras formas de julgamento da cidade e de multidão de amigos – esta é a palavra certa – de que se cerca. Uma delas é o livro “Só... risos Histórias e Receitas da Coluna do Malu”. Um sucesso de vendas.

Do futebol mantém distância providencial por muitos motivos. A última vez em que entrou num campo de futebol foi em 1967. Mas o acompanha pela televisão, com o distanciamento que os dias e as circunstâncias do esporte hoje recomendam. Talvez até para se preservar de fortes emoções, muito mais especialmente agora, restabelecendo-se de duas cirurgias. Numa delas, implantou marca-passo no coração. O que não significa que seja um cliente obediente do cardiologista Costantino Constantini. Malgrado recomendações médicas e apelos da família e dos inúmeros amigos, continua fumando. Muito.

Quando fala de médicos, pede que não se deixe de mencionar o também cardiologista Mário Macedo. “Ele e o Costantino são médicos de meu coração”, diz, enfa-

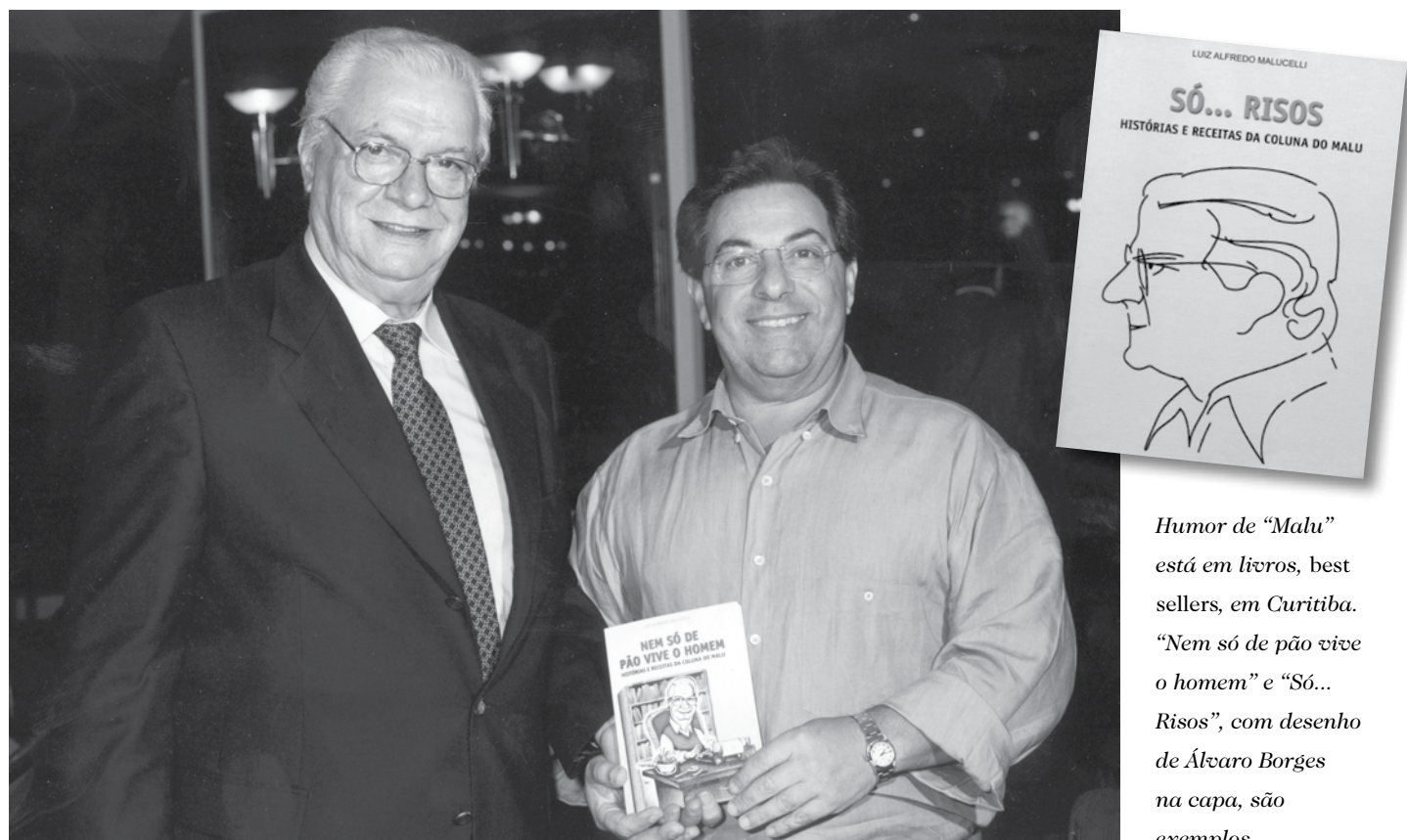
tizando o jogo de palavras.

Os que o que o conhecem sabem levar ele vida simples, confortável, sem concessões a excessos, ao lado da psicóloga Deusdith Laval Malucelli (“ela me aguenta há 53 anos”). Há 50 anos moram na mesma casa, “foi financiada para pagar em 20 anos”, e lá criaram os seis filhos e de lá contemplam o desenvolvimento dos netos. Quando fala da família, o homenzarrão conhecido pelas frases diretas, sem rodeios, uma “aparente rudez” na voz, para esconder emoções, ele é só carinho. Desmancha-se, literalmente...

Na dia 26 de maio deste 2009, “Malu”, ao atender o telefone de casa, era só elogios, sem limites, à esposa, Deusdith: estavam celebrando 53 anos de casados.

“Malu”, orgulhoso, falava do amor juvenil que os ligou e que, agora, amplia-se: “Não esqueça de dizer também que ela é uma mulher muito preparada, psicóloga, psicopedagoga, professora...”

Os filhos do casal são seis: Maria Luiza, casada, arquiteta da Comec; Aldo, aquele que segue as pisadas do pai, dono de emissora de rádio, com ação em outros braços da comunicação e comandando serviços *on line*, com cerca de 150 empregados. É casado e pai de seis filhos; Cícero, casado, três filhos, opera no mercado de *commodities*, especialista em feijão; Loise Maria Malucelli Rocha, psicóloga, casada, mora em Toledo; Marcelo Laval Malucelli, casado, duas filhas, securitário; Desirée, a mais moça, professora, casada.



Humor de “Malu” está em livros, best sellers, em Curitiba. “Nem só de pão vive o homem” e “Só... Risos”, com desenho de Álvaro Borges na capa, são exemplos.

O apoio de Jamil

É admirador de Jamil Sneege e por anos conviveu com o escritor. De Jamil – lembra Malucelli – veio a palavra que faltava para “encher meu cálice de orgulho” pela coluna semanal. “Ele disse que eu sei fechar admiravelmente uma história e sintetizá-la no espaço adequado”, comemora “Malu”. E não bastasse Jamil, cita o jornalista Luiz Geraldo Mazza, uma de suas devoções profissionais, outro nome que registrou aval a seu trabalho. O Mazza que é notoriamente parco em elogios.

Palavras de apoio ou até mesmo de saudável crítica que podem surgir, enfim, nos contatos com outros amigos fortemente observadores, como os jornalistas Luiz Julio Zaruck, Antônio Nunes Nogueira, João José Werbitski, Luiz Renato Ribas, com os quais almoça, numa confraria informal, pelo menos uma vez por mês. Ou na observação de outros companheiros de todas as horas, como Dorival Vianna e Noazir Arriola, publicitários, assim como Nelson de Souza Filho, diretor de Redação da Gazeta do Povo, e Antônio Luiz de Freitas, diretor da Master Comunicação, uma das agências mais importan-

tes do país. E há os amigos dos escalões decisórios do Estado, como o vice-governador Orlando Pessutti, que, deputado estadual, em 2002, o fez Cidadão Benemérito do Paraná, título concedido pela Assembleia Legislativa; e o vereador Mário Celso Cunha, que apresentou o projeto que, transformado em lei municipal, deu-lhe o título de Cidadão Honorário de Curitiba.

O inventário afetivo imediato de “Malu” é quase impossível fazer. Ao longo de uma vida fértil, de largos espaços para as expansões fraternais, são inúmeros os que “estão no fundo do coração”. Há alguns, no entanto, muito visivelmente próximos e identificados por uma causa preciosa para “Malu”, o Lar Bom Caminho, entidade de assistência à infância desvalida, criada pelo médico Julio Gomel. É um modelo, uma referência nessa área em que o poder público é sempre deficitário e notoriamente mau gerente.

O envolvimento com o Lar Bom Caminho solidificou outras amizades, como a com o cartorário Motta Ribeiro, que, então presidindo o Curitibano, por primeiro abriu as portas do clube para o “Jantar das Estrelas”.

O jantar beneficente, hoje parte da vida e do calendário da cidade, reúne *chefs* revelados no mundo empresarial, profissional e político do Estado. Eles preparam o jantar anual, responsável hoje por 40% da receita do Lar. Começou com 1.200 mesas no Salão Azul, hoje são 1.500, entrando pela pista de dança. E no jantar podem ser encontrados alguns do patricios, a “nobreza mais visível” de Curitiba, como o vice-governador Orlando Pessutti, Costantino Constantini, Sílvio Name, Renê Dotti, Jaime Lerner, Luiz Carlos Martins, Sérgio Prosdócimo, Airton Cordeiro, Carneiro Neto, Abdo Abage, Fernando Antônio Miranda, deputado Rocha Loures, Darcy Piana, Salomão Soifer, Celso Ferreira do Nascimento, Rubens Teig, Euclides Scalco, Belmiro Castor, Wilson Pieler, Beto Richa, Marcos Domakoski, os Trombini, os Malucelli, José Dionísio Rodrigues (Opus), Alexandre Curi, ministro Paulo Bernardo, Jorge Samek, Osmar Dias... a lista não teria fim.

“Malu” é muito assim, me dizia um amigo americano, Kevin Weickert, – que aqui pesquisou, em 2007, o modo de vida paranaense - pode ser classificado de *man about town*. Uma expressão “antiga” mas que guarda, no caso, verdade insofismável: é literalmente, alma gêmea da cidade. Alguém cuja vida e presença desmentem o significado italiano do nome “Malucelli” (o Céu Mau). Tudo a seu redor, ao contrário, faz-se favorável. Pois ele ajuda a cidade a pulsar, num tônus particularmente único.

Nisso reside a certeza de que Luiz Alfredo Malucelli jamais poderá ser replicado.

Malu - Depoimentos

NOAZIR ARRIOLA:

Colecionador de amigos – Para o empresário da área de engenharia de software Noazir Arriola, essa é a melhor definição para Malu, o amigo de mais de 30 anos de estrada. “Ele é o melhor amigo que se possa ter, alguém especial mesmo. E acredito que seja a impressão de todos os muitos amigos que ele tem”, completa Arriola, que fala com Malu quase diariamente e o vê infalivelmente nas noites de terça-feira. Essa é a ocasião em que se reúnem os cavalheiros da confraria fundada pelo também empresário Celso Macedo, da área de equipamentos para panificação. A cada encontro, um dos membros prepara um prato. A especialidade de Malu, brinca Arriola, é “comer muito bem e beber sem exageros”. No entanto, o gourmet Malu também é craque no preparo de picanha e pasta alla bolognese.

DORIVAL VIANA:

Um irmão de verdade – Na opinião do consultor de marketing Dorival Viana, outro velho amigo de Malu que o considera como um verdadeiro irmão, o sucesso é uma de suas grandes marcas. “Todas as atribuições conferidas a ele foram desempenhadas com brilhantismo e, em cada oportunidade, ele soube fazer grandes amigos”, resume. Isso porque, diz Viana, Malu tem “um senso de humor marcante, é um sujeito espetacular”. Apesar disso, não deixa de registrar um defeito que Viana “odeia” no amigo. Como ninguém é perfeito, Malu fuma e “desbragadamente”. “Você não pode acreditar na quantidade de cigarros que ele acende enquanto estamos em nosso jantar semanal”, exclama, referindo-se aos encontros da confraria da qual, por falta de tempo, têm sido cabulados pelos jornalistas Celso Nascimento e Nelson Souza Filho.

Ao lado da esposa, a psicóloga Deusdith Laval Malucelli.

